

## **JOVENS UNIVERSITÁRIOS DE BAIXA-RENDA E A BUSCA PELA INCLUSÃO SOCIAL VIA UNIVERSIDADE**

### **LOWER-INCOME COLLEGE STUDENTS AND THEIR SEARCH FOR SOCIAL INCLUSION THROUGH HIGHER EDUCATION**

Livia Mesquita de Sousa<sup>1</sup>

Sônia M. Gomes Sousa<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

Este artigo analisa a situação de jovens universitários de baixa-renda, moradores de casas estudantis, como um processo de busca por inclusão. Os jovens têm buscado na universidade, antes de tudo, uma melhor inserção social. Essas reflexões são desenvolvidas a partir de uma pesquisa realizada com estudantes que moram em casas estudantis na cidade de Goiânia-GO, por meio de questionários, leitura de documentos, grupos focais e observações nas casas durante as visitas para contato com os moradores. À luz da dialética exclusão-inclusão (SAWAIA, 2001), compreende-se que os universitários de baixa-renda tentam superar uma história de exclusão em busca de uma vida melhor. Com a perspectiva de inclusão futura no mercado de trabalho, vivem uma nova exclusão na universidade por serem considerados estudantes de baixa-renda, dependentes da assistência estudantil para a manutenção do curso.

**Palavras-Chave:** Psicologia social, dialética exclusão-inclusão, juventude, universidade e casas estudantis

#### **ABSTRACT**

This article analyzes the situation of lower-income college students, living in rooming houses, as a process of searching for social inclusion. Youth searches for higher education aiming for a better social insertion. These reflections are developed with the basis on a research accomplished with students in Goiânia. The research was carried out through questionnaires, document analysis, focal groups, and observations. Considering the exclusion – inclusion dialectic (SAWAIA, 2001), it is comprised that lower-income

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Mestra em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás, Coordenadora do Programa de Saúde Mental da Universidade Federal de Goiás.

<sup>2</sup> Psicóloga, Psicodramatista. Doutora em Psicologia Social pela PUC-SP. Professora no Departamento de Psicologia da UCG (graduação e pós-graduação) e Coordenadora do Grupo de Pesquisa "Infância, Família e Sociedade" (CNPq).

college students try to overcome a history of exclusion looking for a better life. Working for a future inclusion in the labor market, they live a new exclusion at the university because they are considered only as lower-income college students who depend on student financial aid.

**Key Words:** Social psychology, lower-income college students, university, exclusion-inclusion dialectic, rooming houses

Como parte do Mestrado em Psicologia da Universidade Católica de Goiás (SOUSA, 2005), foi realizada uma pesquisa<sup>3</sup> sobre os significados e sentidos das casas estudantis para seus moradores. Essa pesquisa foi realizada em Goiânia, onde há atualmente quatro casas para estudantes universitários, totalizando aproximadamente 220 moradores. Em primeiro lugar, foi aplicado um questionário em 114 sujeitos, que representaram 53% do total da população de moradores em Goiânia. Após esse procedimento inicial, outros procedimentos metodológicos foram realizados: leitura de documentos relacionados ao tema da moradia estudantil; observação das casas durante as visitas para contato com os moradores; e realização de dois grupos focais com moradores selecionados dentre aqueles que responderam ao questionário.

Neste artigo, serão utilizadas algumas informações, colhidas nos procedimentos realizados, buscando construir uma discussão sobre a juventude universitária de baixa-renda e sua busca pela inclusão social, tendo a universidade como o caminho escolhido. Por meio do questionário aplicado, constatou-se que esses estudantes, sujeitos da pesquisa, estão em sua maioria (58,8%) na faixa etária de 18 a 24 anos, o que levou à busca pela discussão da temática da juventude em geral e, particularmente, dos jovens universitários.

Após uma discussão inicial sobre a relação entre os jovens universitários em situação de baixa-renda e uma breve análise da universidade brasileira no momento atual, serão apresentadas informações sobre os sujeitos pesquisados, caracterizando-os como estudantes em condições de vida tais que os definem como pleiteantes a serem atendidos pela assistência universitária<sup>4</sup>. Posteriormente, discute-se a casa do estudante como uma via de inclusão social que acaba se transformando em uma outra forma de exclusão.

---

<sup>3</sup> Pesquisa realizada sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Sônia M. Gomes Sousa.

<sup>4</sup> A assistência universitária é definida, em um documento da UFG (BARRETO, 2002, p. 1), como "um dos instrumentos facilitadores de viabilização da política educacional, além de ser uma ação de inclusão social e direito de cidadania".

## **JUVENTUDE E UNIVERSIDADE: ENCONTROS E DESENCONTROS**

Buscou-se compreender o jovem a partir de alguns aspectos fundamentais. A sua inserção em um modelo global de sociedade e suas ideologias, ou seja, na sua cultura que também faz parte de sua constituição psicossocial. Dois fatores apontados por Vygotsky (1996) capacitam o jovem a sentir-se membro de sua classe social e dela participar: a vivência na sua comunidade, comungando de atividades e interesses, e o uso de conceitos que permitem conhecer essas atividades e interesses, partilhando a ideologia de sua classe. Segundo Vygotsky (1996), os conceitos se desenvolvem inevitavelmente dentro de uma determinada ideologia social.

O jovem apresenta uma plasticidade psíquica como característica. Passerini (1996, p. 367) chamou de polimorfismo o elemento mais marcante da experiência social dos jovens, que ela define como diferente de multiplicidade, pois não é que os jovens variem simplesmente quanto a gênero, etnia, educação, classe, religião, mas há neles "a disponibilidade para assumir diversas configurações, incluindo aquelas que a própria cultura define como irremediavelmente outras". Essa plasticidade se deve ao fato de o jovem estar vivendo um processo de transformações, um outro aspecto de grande importância para o entendimento do jovem.

Esses aspectos da juventude, como sua inserção em sua cultura e ideologias e uma maior plasticidade devido às transformações por que está passando o jovem, levam este a uma espécie de renovação de seus interesses e aspirações. O que na infância era muito interessante passa a despertar menos atenção e outros temas tornam-se chamativos. Além disso, o próprio pensamento sofre grandes transformações em sua forma de funcionar. Para Vygotsky (1996), no amadurecimento intelectual do jovem não muda apenas o conteúdo do pensamento (material totalmente novo e ligação a esferas novas da cultura, como política, justiça, profissão, ética, ciência e ideologia), mas também mudam e se enriquecem as próprias funções intelectuais, as formas do pensamento, a estrutura e composição de suas operações intelectuais. Isso significa que na juventude o pensamento pode operar logicamente com conceitos, uma mudança que representa uma formação psíquica qualitativamente nova (VYGOTSKY, 1996).

Em meio a todo o desenvolvimento biológico e cultural do jovem, as mudanças em seu pensamento permitem que ele possa conhecer também sua realidade interna, ter auto-percepção e auto-observação. Estabelece-se de modo mais efetivo a divisão entre o mundo das vivências internas e o mundo da realidade objetiva. O desenvolvimento da consciência para um estado de autoconsciência permite que as vivências internas e o mundo da realidade objetiva sejam crescentemente mais discriminados. Dessa forma, a juventude é o momento em que se pode falar de uma personalidade, ao mesmo tempo em que se pode falar de uma visão de mundo, embora ainda em processo de desenvolvimento (VYGOTSKY, 1996).

A juventude caracteriza-se, então, por um maior domínio do jovem sobre si mesmo e sobre o mundo a sua volta, no sentido de que pode compreender-se melhor e conhecer sua realidade social. Pode, além disso, usar sua vontade, que é considerada por Vygotsky (1996) uma importante função psíquica superior. Dessa forma, o jovem está mais consciente da distinção que existe entre seu mundo interno e seu mundo exterior, o que pode trazer muitos conflitos, mas capacita-o a exercer melhor sua vontade. Isso não quer dizer que não haja diversas determinações agindo sobre essa vontade, mas que ela é uma função sobre a qual se tem muito mais controle do que na infância.

Esses aspectos constitutivos da subjetividade do jovem permitem estabelecer, à luz da teoria de Vygotsky que: a) é a partir da juventude que o indivíduo pode compreender a sua própria inserção na sociedade, em sua classe e na sociedade global; b) o pensamento do jovem ganha em plasticidade, ao operar por conceitos, e ao possibilitar o uso da vontade no encaminhamento de sua vida; e c) as transformações por que passa implicam uma nova consciência de si mesmo e uma visão de mundo.

O jovem apresenta características que o capacitam a fazer escolhas e a tomar decisões sobre suas aspirações e seu projeto de vida. Porém, de certa forma, o jovem contemporâneo vive um paradoxo: por um lado, há uma padronização excessiva de gostos e de atitudes e, por outro lado, a condição de jovem que o define como alguém que possui uma grande plasticidade. Vygotsky (1996) também aponta para o pensamento do jovem como muito mais flexível do que na infância, com possibilidade de ser dialético. Mas nem sempre os contextos nos quais esse jovem se insere contribuem para o desenvolvimento do pensamento dialético, questionador, transformador.

O paradoxo do jovem se reflete em seu encaminhamento para a universidade. Esta é uma instituição que de certa forma promete ao jovem uma abertura a novos conteúdos com a promessa de ensino superior, de diversidade e de universalidade. A universidade supostamente deveria contribuir significativamente para o enriquecimento da nova forma de pensar do jovem, possibilitando transformações pessoais capazes de repercutir na realidade social. Mas é possível perceber que os cursos universitários tendem a se voltar cada vez mais para o atendimento das exigências do mercado de trabalho (CHAUÍ, 2001), e menos para o aprimoramento da capacidade de reflexão, característica presente na juventude.

Os jovens por sua vez parecem buscar na universidade apenas a contemplação de seu desejo de inserção social em detrimento de uma busca pelo auto-enriquecimento cultural. Em especial, os jovens de classe baixa acabam sentindo a universidade como uma via de acesso para a sua inclusão no mercado. O baixo índice (12%) de jovens brasileiros no ensino superior (BRASIL, 2003) faz da universidade uma mediação de grande importância nesse sentido, pois se caracteriza pela possibilidade de diferenciação de um grupo de pessoas em relação à população brasileira. Por vezes, essa

diferenciação, em especial para jovens de condições sócio-econômicas pouco privilegiadas, implica distinguir-se da própria família, pelo menos quanto ao grau de escolaridade.

A universidade representa uma possibilidade dos filhos mudarem a sua situação em relação a seus pais. Segundo Rua (1997, p. 05), no Exame Nacional de Cursos de 1997, mais de 60% de graduados tinham mães sem escolaridade superior e mais de 50% tinham pais sem escolaridade superior, "o que sugere um acentuado processo de ascensão educacional intergeracional". Isso ajuda a entender a aspiração à universidade como a busca por uma vida diferente das condições anteriores, não apenas em relação à situação financeira, mas também quanto ao nível cultural, já que a maioria dos pais dos sujeitos pesquisados tem baixa escolaridade.

A universidade representa a busca por uma vida melhor, o que, por sua vez, significa uma inserção no mercado de trabalho que possibilite um maior poder aquisitivo. Essa representação da universidade condiz com o seu novo papel, segundo Chauí (2001), ou seja, o adestramento para a mão-de-obra. Isso é vivido pelos universitários como a realização de um futuro que está sendo construído durante o curso universitário. Almeida (2004, p. 58), em uma pesquisa com estudantes da UNESP sobre as representações dos universitários quanto aos ideais da juventude, encontrou a "preparação da vida profissional" como uma das principais aspirações.

Queiroz (2001) realizou uma pesquisa que, embora não seja com universitários, traz luz sobre essas questões. Utilizando uma metodologia que mesclou observações, entrevistas, redações dos jovens, a autora, após constatar que a maioria dos alunos da escola pesquisada é de trabalhadores com baixo nível salarial, buscou apresentar aspectos da subjetividade dos jovens pesquisados. Assim, encontrou que o trabalho e a escola são sentidos como intrinsecamente ligados: precisa trabalhar para poder estudar e precisa estudar para ter um emprego melhor. A escola representa a esperança de um futuro melhor para si e em relação ao passado e ao presente de seus pais.

A pesquisa de Queiroz (2001) levanta uma questão importante que é a forma como o estudo é vivenciado pelos jovens. Numa sociedade em que um número elevado de crianças ingressa na escola, mas que uma parte bem menor chega a fazer um curso superior, aqueles que se mantêm na escola, com todo o esforço que isso implica, consideram que é através dos estudos que se pode chegar a conquistar um lugar nessa sociedade. Num levantamento feito em Goiânia, em 2001, constatou-se que 71,3% dos jovens pesquisados, entre 15 e 24 anos, dizem que freqüentam a escola por acreditarem que ela representa uma garantia do futuro profissional (QUEIROZ *et al.*, 2002).

No presente estudo, foi perguntado aos sujeitos se suas expectativas em relação ao seu curso estavam sendo atendidas. Essa pergunta era seguida por uma solicitação de justificativa. Dos 85 sujeitos (74,5%) que justificaram a resposta, 26 sujeitos (30,5%)

fizeram referência à vinculação do curso ao trabalho, aprovando ou desaprovando as aulas práticas, os estágios e a própria possibilidade de inserção no mercado de trabalho. Como as expectativas não foram definidas *a priori* na pergunta, considera-se que a preocupação com o trabalho foi representada de modo espontâneo pelas justificativas.

Os sujeitos da pesquisa, jovens em sua maioria, vêm na universidade o caminho de construção de seu futuro. É importante enfatizar que isso ganha uma dimensão mais significativa, quando se trata de jovens de baixa-renda, que vêm de uma história de exclusão: dificuldades financeiras, precariedade na formação escolar, baixa escolaridade dos pais. Em relação a esses jovens, a universidade ganha um contorno especial, pois é o lugar aonde se chega com mais dificuldades. Os jovens universitários que necessitam de assistência estudantil, são ao mesmo tempo "privilegiados", pelo acesso a bens culturais e maior possibilidade de inserção profissional, e "desprivilegiados", por não terem as condições mais adequadas para o exercício pleno de sua condição de jovens.

### **CARACTERIZAÇÃO DOS MORADORES DAS CASAS ESTUDANTIS: EM BUSCA DA INCLUSÃO SOCIAL**

Os jovens universitários, moradores de casas estudantis, que participaram da pesquisa têm como uma característica importante o fato de pertencerem às camadas populares. Isso os relaciona à busca pela inserção no mercado de trabalho como uma busca por uma mudança em suas vidas. Algumas outras características, incluindo a renda, são importantes de serem apresentadas. Dos 114 sujeitos pesquisados, com exceção de dois que não responderam, 58,8% são do sexo masculino e 39,5% são do sexo feminino. Quanto à idade, 67 (58,8%) sujeitos estão na faixa de 18 a 24 anos; 33 (28,9%) estão na faixa de 25 a 29 anos e apenas 12 (10,5%) têm 30 anos ou mais. Em relação à cor/raça,<sup>5</sup> 59,8% das pessoas pesquisadas consideram-se não-brancas. Quanto à origem, exatamente a metade dos respondentes é de áreas urbanas do interior do estado de Goiás, 28,1% vêm de área urbana do interior de outro estado brasileiro e os demais vêm de capitais de outros estados (11,4), área rural (7,9%) ou outro país (0,9%).

A renda familiar ficou assim distribuída: 16,7% não informaram a renda; 37,7% têm renda inferior a 1 salário mínimo *per capita*; 36,7% têm renda entre 1 e 1,5 salário mínimo; 7,8% têm renda superior a 2 salários mínimos. Foi possível confirmar que são pessoas sem condição financeira suficiente para se manterem sem ajuda externa.

---

<sup>5</sup> Utiliza-se aqui a orientação de Bernardino (2004) para que o termo raça não seja evitado, pois, embora não diga respeito a qualidades biológicas, refere-se a distinções sociológicas existentes na sociedade. Segundo o autor (2004, p. 19), "mesmo que a raça não exista do ponto de vista biológico, ela existe do ponto de vista sociológico, no sentido de que é uma categoria social suficiente para explicar práticas discriminatórias de uns indivíduos perante outros".

A renda familiar é freqüentemente complementada com o trabalho do próprio estudante. Quanto a isso, 37 sujeitos (32,4%) afirmaram ter trabalho remunerado. Destes, 12,3% exercem a função de professor e 8% trabalham em atividades relacionadas a escritório e contabilidade. Os outros 12,6% se dividem nas mais diversas atividades, como artesanato, serviço público, teatro etc. Entre os estudantes que afirmaram não ter trabalho remunerado, há uma grande parcela com bolsas de estágio, pesquisa ou monitoria: 32 (28%). Os estudantes que afirmaram não ter trabalho remunerado nem bolsa, relataram receber ajuda de familiares, amigos ou fazerem "bicos": 45 (39,4%).

Quanto à renda dos estudantes, entre aqueles que têm trabalho remunerado, três sujeitos (8,1%) recebem entre três e cinco salários mínimos, 29 sujeitos (78,3%) recebem entre um e três salários mínimos e 5 sujeitos (13,5%) recebem menos de um salário mínimo. Entre os que recebem ajuda de bolsas, familiares e/ou fazem "bicos", e relataram o valor dessas ajudas, 48,6% recebem de um a três salários mínimos, 47,2% recebem menos de um salário mínimo, 1,8% (apenas duas pessoas) recebem de três a cinco salários mínimos e uma pessoa (0,9%) recebe mais de cinco salários mínimos.

Quanto à instituição em que estudam, do total de sujeitos pesquisados que responderam a essa pergunta, 51% estão em universidades públicas e 44,9%, em universidades particulares, demonstrando que de um modo geral os sujeitos estão em cursos de baixa concorrência. Segundo o Censo Universitário (Brasil, 2003), as universidades públicas registraram em média 9,4 candidatos por vaga, enquanto as faculdades particulares registraram apenas 1,6 candidato por vaga. Em relação ao curso, considerando a média de concorrência das universidades públicas (9,4 candidatos por vaga), os sujeitos da pesquisa que estão em cursos com concorrência igual ou superior a essa média somam 17%, enquanto 43% estão em cursos com baixa concorrência (até 3 candidatos por vagas) e 40% estão em cursos com média concorrência (5 ou 6 por vagas).<sup>6</sup>

Em relação ao ensino médio, a grande maioria dos sujeitos freqüentou escola pública: 76,3%. A porcentagem de sujeitos que fizeram o ensino médio em escola particular é de 14,9%, enquanto 6,1% freqüentaram escolas conveniadas e apenas duas pessoas (1,8%) cursaram o ensino médio parte em escola pública e parte em escola privada.

Há, entre as famílias dos pesquisados, vários desenhos de família (PERES & SOUSA, 2002)<sup>7</sup>, ou seja, composições diversas, que incluem muitas vezes outros membros além

---

<sup>6</sup> Números referentes a 100 sujeitos, que são os estudantes da UFG e da UCG, universidades cujos índices de concorrência dos cursos foram de fácil acesso.

<sup>7</sup> A pesquisa *Desenhos de Família. Criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais* (SOUSA & RIZZINI, 2001) realizada em Goiânia (GO), que ouviu 1.272 famílias, identificou doze desenhos familiares: nuclear simples, mononuclear; monoparental feminina simples, monoparental

de pais e filhos. A composição familiar predominante entre os respondentes é a de "pai, mãe e filhos" (41,2%) ou "pai e mãe" (3,5%), seguida da composição "mãe e filhos" (15,8%). Há uma porcentagem razoável de pessoas que se referiram apenas à mãe como compondo sua família (7,9%), alguns incluíram na composição "pai, mãe e filhos", também o avô ou a avó (5,3%) e apenas três respondentes (2,6%) falaram de "mãe, padrasto e filhos". Há também uma porcentagem significativa (16,2%) de famílias que incluem tios, avós, primos, madrastra, e outros parentes. Desses, há famílias que são compostas sem a presença do pai, da mãe ou de ambos (13,5%).

Complementando essas informações, foi perguntado aos estudantes quem exercia a função de pai e de mãe para eles. Embora essas funções sejam exercidas majoritariamente pelos pais e mães biológicas, 62,3% e 86%, respectivamente, há uma significativa parcela dos respondentes que afirmam que ninguém exerce a função de pai para eles (21,1%) e/ou a função de mãe (10,5%). Quanto aos desenhos das famílias é interessante notar que a maioria desses sujeitos vem de famílias pequenas, mas que há um número razoável deles (27%) que vem de famílias numerosas e que em muitos casos seus pais biológicos não estão presentes. Essas informações são compreendidas como sinais de que o trajeto para a universidade implica dificuldades para os sujeitos, especialmente porque vêm de famílias cujas rendas não são suficientes para permitir a permanência em outra cidade. A estrutura familiar, a origem e a escolaridade dos familiares configuram o contexto social de onde saem esses estudantes.

A escolaridade dos familiares dos sujeitos pesquisados é uma informação importante, pois é indicativa de uma situação dos filhos diferente da vivida pelos pais: apenas três (2,6%) dos pais e doze (10,5%) das mães dos pesquisados chegaram ao nível superior, sendo que 40 (35%) pais e 51 (44,7%) mães não chegaram ao ensino médio e 22 (19,2%) respondentes têm pai e mãe com ensino fundamental incompleto. Há ainda 20 (17,5%) pais e 31 (27,1%) mães que pararam de estudar na primeira fase do ensino fundamental.<sup>8</sup> Entre os sujeitos, 44 (39%) possuem outros irmãos freqüentando a universidade, sugerindo que há uma valorização dentro da família para a construção de uma aspiração em direção ao curso universitário.

---

masculina simples, nuclear extensa, nuclear com avós cuidando dos netos, nuclear reconstituída, nuclear com criança(s) agregada(s), monoparental com criança(s) agregada(s), monoparental feminina extensa, monoparental masculina extensa e atípica. Segundo Sousa e Peres (2002, p. 67 e 68) "o processo de sistematização dessas categorias foi bastante complexo, envolvendo uma equipe multidisciplinar na sua constituição. O critério fundamental utilizado para a sua categorização foi em torno de quem a família se organiza, tanto materialmente quanto emocionalmente, também nos preocupamos em observar a presença e responsabilidade com as crianças e adolescentes".

<sup>8</sup> Essas porcentagens referem-se ao número de sujeitos (114 = 100%), embora se trate da escolaridade dos pais. Por exemplo: 40 pais = 35% significa que 35% dos sujeitos têm pais que não chegaram ao ensino médio.

A expectativa de mudança para uma vida melhor e a preocupação com o mercado de trabalho são compreendidos nesta análise como uma busca de superação da condição de vida existente antes do ingresso na universidade, que passa a representar uma forma de inclusão que traz a promessa da inclusão no mercado de trabalho. A partir disso, faz-se necessário discutir como essa inclusão é vivida dentro da universidade, pois o ingresso não garante que outras formas de exclusão possam ser evitadas.

### **A VIVÊNCIA DA INCLUSÃO E O ENFRENTAMENTO DA EXCLUSÃO: PARADOXOS DO ESTUDANTE MORADOR DE CASAS ESTUDANTIS**

Os participantes da pesquisa, mesmo com dificuldades financeiras e geográficas (serem oriundos de outras cidades), buscaram no curso superior um modo de serem diferentes ou de estarem em condições diferentes daquelas que tinham antes de saírem de suas cidades para estudar. Diferentemente dos jovens das camadas médias e altas da população que, desde cedo, têm as condições necessárias para chegar ao nível superior de escolarização, sendo inseridos no contexto escolar que melhor prepara para o vestibular, os participantes da pesquisa vêm de famílias cuja renda não favoreceu seu acesso à universidade.

Ao buscarem na universidade uma via de inclusão, os estudantes da pesquisa (moradores de casas estudantis, designados como estudantes de baixa-renda) buscam superar uma condição de vida precária, e sentem na conquista de uma vaga universitária a esperança de melhor inserção social. Como expressou um dos moradores, ao definir quem são: "pessoas que estão em busca de algo melhor". Porém esses estudantes sentem-se vistos como pessoas diferentes, como se expressou um dos participantes da pesquisa:

(Estrela, 23a)<sup>9</sup> – [o que acontece com algumas pessoas] é a não aceitação da situação delas, não aceitar ser de baixa renda, não aceitar ser um estudante que não está num meio social que ele queria estar.

Sawaia (2001, p. 109) denomina "ético-político" o sofrimento que vem do sentimento de ser inferior, de ter menos valor na sociedade e do "impedimento de desenvolver, mesmo que uma pequena parte, o seu potencial humano (por causa da pobreza ou em virtude da natureza restritiva das circunstâncias em que vive)". A autora acrescenta que "na gênese desse sofrimento está a consciência do sentimento de desvalor, da deslegitimidade social e do desejo de 'ser gente'" (SAWAIA, 2001, p. 109).

Alguns moradores fazem questão de dizer que não são pessoas inferiores: "Gostaria que as pessoas fizessem uma segunda leitura antes de julgar os moradores das

---

<sup>9</sup> Os sujeitos que participaram dos grupos focais atribuíram nomes fictícios a si mesmos. Quando se tratar de respostas ao questionário, os sujeitos serão indicados apenas pelo sexo, seguido da idade.

casas” (M, 19a). O sentimento de serem vistos como inferiores vem do sentido de serem excluídos, pois só se mantêm em seus cursos caso sejam incluídos na assistência estudantil. Une-se a isso a idéia difundida de que são desordeiros. Isso de alguma forma choca-se com o projeto do jovem universitário, em especial, o jovem universitário de baixa-renda. Seu desejo de inclusão é atendido e as casas estudantis, sem dúvida, representam uma via de acesso, mas estar incluído ou estar se incluindo significa também estar ao mesmo tempo experimentando a exclusão (SAWAIA, 2001), é descobrir-se fora de alguma coisa e por isso precisar solicitar ajuda da assistência estudantil.

Ao ser incluído como estudante universitário, o jovem morador precisa provar que sua renda não é suficiente para arcar com despesas tais como alimentação e moradia. Somente após ser definido como estudante de baixa-renda é que ele pode ter assegurada uma vaga na casa de estudante, o que por sua vez significa a garantia de que poderá continuar seus estudos. Assim o morador é incluído/excluído, o que pode ser compreendido a partir da categoria analítica “dialética exclusão-inclusão” (SAWAIA, 2001), que permite analisar o quanto um indivíduo ou um grupo pode se sentir incluído ou excluído. No caso do estudante morador de casas estudantis, as duas dimensões da díade exclusão-inclusão podem ser sentidas no momento em que se conquista uma vaga na universidade e nos momentos em que ele vivencia a experiência de se sentir diferente dos demais, devido à sua condição financeira.

A situação vivida pelo morador de casas estudantis, incluindo sua condição de ser ao mesmo tempo incluído e excluído, envolve um sofrimento que está indicado nas frases<sup>10</sup> abaixo. Ao mesmo tempo, essas frases mostram uma tentativa de valorização da experiência de ser morador, vivida como algo que fortalece e enriquece.

(F, 27a) – Tenho certeza de que as dificuldades que eu passo me fortalecerão e isso fará a diferença na minha vida profissional.

(M, 24a) – Sofrimento, depressão e outros, mas é muito bom passar por isso.

(M, 27a) – Um ótimo espaço de crescimento pessoal em virtude dos conflitos relacionais, porém muito deprimente e solitária.

(M, 27a) – Você aprende todo dia, mesmo passando raiva.

(M, 22a) – A casa, ela me trouxe muito amadurecimento, uns benefícios e outros malefícios, mas eu acho muito importante ter vivido os dois assim mesmo: eu sei o que é bom e o que é ruim.

(M, 20a) – É uma experiência ímpar, muito perturbadora no início, mas com o passar do tempo você se acostuma com a situação e acaba criando um vínculo afetivo com a casa.

---

<sup>10</sup> Frases retiradas dos questionários, escritas por diferentes sujeitos na seção do questionário intitulada “considerações finais”.

(M, 25a) – Aqui dentro já vivi muita coisa (boas e ruins) e isto só tem me enriquecido.

(F, 25a) – Apesar dos problemas, da falta de privacidade, é gostoso viver aqui, quando tenho fome peço no quarto de alguém e vice-versa, nos ajudamos e creio que daqui alguns anos vou sentir saudade desse tempo.

(F, 19a) – Não é fácil a convivência e pior ainda é a privacidade, mas agradeço a Deus por estar aqui.

As frases acima denotam que, embora os sujeitos considerem a casa estudantil uma experiência enriquecedora, que os fortalece, eles falam de sofrimento, fome, raiva, sentimentos dolorosos. Se eles estão “buscando algo melhor”, acreditam que precisam suportar esses aspectos ruins para obterem um ganho futuro.

Roberto (20a) – Quem *sobreviver* a essa experiência vai ganhar uma riqueza imensa.

Anabis (25a) – A gente está passando por isso com um objetivo que é estudar, ninguém eu acho que gosta de permanecer nesse estado que nós estamos [...] seu organismo tem um tempo pra agüentar morar em casa de estudante.

Nara (31a) – Eu acredito também que as dificuldades que a gente enfrenta na vida é que fazem a gente crescer.

O futuro é o alcance da realização do projeto de mudar de vida, como alguns exemplos que apareceram na pesquisa: a mudança de empregada doméstica para assistente social da prefeitura da cidade de origem; ter condições de ajudar os familiares; a mudança do trabalho na roça para um curso superior de escolha própria. A mudança para uma vida melhor como um objetivo do jovem universitário de baixa-renda revelou-se como um elemento fundamental que motiva os moradores a se manterem nas casas e mesmo valorizá-las muito. Apesar de experimentar uma nova forma de exclusão – a associação do estudante de baixa renda como pessoa de menor valor – os estudantes vivenciam a sua situação como um caminho para a sua futura inclusão no mercado de trabalho, esperança de um futuro melhor.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os sujeitos pesquisados buscaram na universidade, além de um enriquecimento cultural ou intelectual, uma mudança de vida por meio da inserção no mercado de trabalho. A universidade representa, então, uma mediação importante, por representar uma das vias de acesso à inserção, que trará conseqüentemente a mudança das condições originais das famílias dos sujeitos. Essa busca por inserção social, compreendida aqui à luz da dialética exclusão–inclusão, mostra que os sujeitos não têm

diante de si o caminho direto para a formação superior, nem a garantia de que poderão realizar plenamente seus cursos, quando os alcançam. As casas, como uma possibilidade vinda do acesso à universidade, representam uma via pela qual essa garantia concretiza-se. Porém, quando esses estudantes passam a morar em casas estudantis, por terem ingressado na universidade, com a promessa da inclusão no mercado de trabalho, eles voltam a viver a exclusão, pois são vistos como estudantes de menor valor, moradores das casas estudantis, precisando provar que são pobres para ter direito a obter vagas nas casas.

Pode-se entender esse complexo universo dos sujeitos moradores das casas estudantis como uma problemática social, na qual é ressaltada a desigualdade vivenciada pelos sujeitos. Em vista de sua condição sócio-econômica e das impossibilidades que dela decorrem, muitos moradores sentem-se imensamente agradecidos; no entanto, há na situação de morar em casas estudantis muitas dificuldades que eles precisam enfrentar. Embora esteja assegurado a esses estudantes o direito de residir na cidade onde estão estudando, esse direito é concedido de um modo muito precário, tendo em vista as condições de moradia e de convivência. Isso traz conseqüências, muitas vezes, dolorosas, como o sentimento de estar numa condição inferior.

É necessário que, na discussão sobre a assistência estudantil como parte das políticas públicas, se possa pensar não apenas nas casas estudantis como um direito pelo qual se deve lutar, mas também se elas são a melhor solução para o problema de estudantes que não têm como arcar com despesas de moradia na cidade onde estão estudando. A discussão deve pautar-se pelos direitos e pela perspectiva política, mas também pela compreensão de que a vivência subjetiva não é acessível de imediato e de que no cenário das casas estudantis existem, de modo implícito, dificuldades e sofrimentos não verbalizados, porém marcantes e difíceis de serem superados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L. L. A juventude e suas representações. **Revista da UFG: Ensino, Pesquisa e Extensão**. Goiânia, ano 4, n. 1, jun. 2004.

BARRETO, I. S. **Relatório do Seminário de Assistência Universitária na UFG**. Goiânia: PROCOM/UFG, 2002.

BERNARDINO, J. Levando a raça a sério: ação afirmativa e correto reconhecimento. In: BERNARDINO J. & GALDINO, D. (Orgs). **Levando a raça a sério** – ação afirmativa e universidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Superior. **Revista Universidade XXI**. Brasília, ano 1, n. 2, ago. 2003.

CHAUÍ, M. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2001.

PERES, V. L. A. & SOUSA, S. M. G. Famílias de camadas populares: um lugar legítimo para a educação/formação dos filhos. In: O social em questão. **Revista do programa de Mestrado em Serviço Social da PUC/RJ**, v. 7, n. 7, 2002, p. 63-74.

QUEIROZ, E. M. O. Juventude, escola e trabalho. **Revista Educativa**, Goiânia, v. 4, n. 2, 2001.

QUEIROZ, E. M. O. & CHAVES, E. G. **Retratos da juventude**. Goiânia: Grafsafra, 2002.

RUA, M. G. As políticas públicas e a juventude dos anos 90. In: BERQUÓ, E. (Orgs). **Jovens acontecendo nas trilhas das políticas públicas**. Brasília: CNPq, 1998.

SAWAIA, B. Identidade – uma ideologia separatista?. In: SAWAIA, B. (Org.) **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SAWAIA, B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B. (Org.) **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOUSA, L. M. **Significados e sentidos das casas estudantis: um estudo com jovens universitários**. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UCG, 2005.

VYGOTSKY, L. S. (1996). Paidologia del adolescente. In: **Obras Escogidas**. Madrid: Visor.

## **CONTATO**

Livia Mesquita de Sousa

Endereço Eletrônico: [liviams@ddrh.ufg.br](mailto:liviams@ddrh.ufg.br) ou [smsgousa@ucg.br](mailto:smsgousa@ucg.br)

**CATEGORIA:** Relato de Pesquisa

Recebido em 30 de out 2006

Aprovado em 18 de nov 2006